

Introdução geral

A mortificação, tanto o termo como a sua práxis, parece que foi banida do universo cristão; não é mais um vetor da formação cristã como no passado. De imediato, o termo mortificação suscita lembranças negativas, como jejuns e penitências exageradas. Recorda também episódios de violência ao corpo. Por isso é uma palavra que prontamente provoca fortíssima rejeição e aversão, devido a uma prática, no passado, inconteste de excessos e abusos. Dificilmente é encontrada entre os verbetes dos mais recentes dicionários de teologia; usualmente é apenas citada como uma dimensão da ascese. Portanto, termo e práxis, atualmente parecem não gozar mais nem de pertinência teológica nem de relevância pastoral, como se observa pela escassa literatura a respeito.

Esta constatação, no entanto, é superficial, é enganosa. A mortificação continua existindo e desfrutando de amplo espaço no cotidiano de nosso povo. Evidentemente, não o termo, mas a vida disciplinada, que se constitui no núcleo, propriamente, da prática da mortificação. Uma vida regulada por dietas, exercícios físicos e até jejuns é assunto relevante para a cultura contemporânea. Pessoas de todas as idades ‘malham’, caminham ou correm diariamente e, quando podem, submetem-se a privações alimentares de certas dietas e processos de purificação em ‘spas’, para recuperar ou preservar a saúde. Homens e mulheres submetem-se diariamente a exercícios físicos, e até mesmo a jejuns, para manter um corpo esbelto, magérrimo, segundo os atuais padrões de beleza. Do mesmo modo, atletas se sujeitam a exigentes programas de condicionamento físico, para serem competitivos. Tudo isso objetivando bem estar pessoal, qualidade de vida e vantagens financeiras.

Mesmo sem referência a valores religiosos, esta realidade é importantíssima para a reflexão teológica, pois revela que a disciplina é um dado fundamental da existência humana. É um imperativo antropológico, algo que não pode ser simplesmente eliminado, sem graves prejuízos ao ser humano. Para se realizar objetivos, independentemente da motivação originária, é indispensável o esforço pessoal, uma vida pautada pela disciplina. A mortificação, em sentido amplo, é

isso: luta de morte a tudo aquilo que obstrui a obtenção de um ideal, que atrapalha a consecução de uma meta. Por essa razão a mortificação é parte integrante da educação humana.

Se falarmos em sentido cristão, é evidente que a mortificação continua não somente atual, mas necessária à vida cristã. Ser cristão é revestir-se do homem novo; e para que este viva, o velho homem tem de morrer em nós. A morte do homem velho já é realizada e celebrada pelo batismo, mas necessita ser efetivada historicamente. Embora no batismo nos seja concedida a semente da vida nova, esta precisa ser atualizada e concretizada nas atitudes e ações do dia-a-dia, pois o homem velho, o Adão pecador, ainda continua presente e ativo em nós, dividindo espaço com o homem novo; e assim permanecerá durante nossa existência terrestre. A força salvífica da mortificação consiste exatamente no esforço que empreendemos cotidianamente para disciplinar e reduzir a negatividade do homem velho; criando, ao longo do tempo, as condições necessárias para o crescimento do homem novo.

No concreto da vida diária, matar o homem velho implica renunciar a tudo que contradiz o evangelho. Significa lutar para viver segundo os mesmos valores que nortearam a vida de Jesus, na relação consigo mesmo, com a comunidade, com a natureza e com Deus. Isto sem dúvida exige que o cristão seja determinado e disciplinado, pois luta contra: as próprias fragilidades, o individualismo, a vontade de poder, o consumismo, o hedonismo, a religião de acomodação e de fuga do compromisso com o excluído, a utilização depredatória da natureza, a injustiça em todas as suas manifestações, a coisificação das pessoas e das relações humanas, a imagem distorcida de Deus. Enfim, contra tudo aquilo que é típico do homem velho, de uma existência humana pecaminosa.

Portanto, o objetivo geral desta tese doutoral é elaborar um renovado discurso teológico que demonstre que a mortificação não está superada, mas continua válida e necessária ao discipulado de Cristo. E para atingir esta finalidade, utilizaremos a contribuição de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico. Religiosa, fundadora do 'Instituto das Pequenas Missionárias de Maria Imaculada', falecida aos setenta e um anos de idade (1901-1972), na cidade de São José dos Campos/SP. Ela deixou reflexões equilibradas sobre o assunto. E o principal: viveu com coerência o que ensinou. Nela, vida e ensinamento se identificam.

Influenciada pela teologia da infância espiritual, de santa Teresa de Lisieux, e também devido à frágil saúde, que não lhe permitia praticar penitências exageradas, Madre Maria Teresa compreendeu que o verdadeiro sentido da mortificação não estava na prática de jejuns rigorosos, abstinências, cilícios, prostrações e outras penitências corporais, mas no esforço para disciplinar a vontade humana, tornando-a gradativamente capaz de aderir às exigências do evangelho. Tanto que as constituições do instituto das pequenas missionárias não prescrevem atos de mortificação, mas espírito de mortificação. Por isso ela foi muito original ao evoluir da disciplina exterior à disciplina interior.

Hoje, como na época de Madre Maria Teresa, novamente se faz necessária uma evolução no conceito de mortificação. É urgente um novo discurso teológico que ofereça um conjunto de conceitos antropológicos e soteriológicos atualizados, atraentes, e ao mesmo tempo, fiéis à proposta neotestamentária. Capaz de resgatar o valor positivo da disciplina e da renúncia, motivando o cristão a viver com coerência o batismo; não recebendo em vão a graça divina (cf. 2Cor 6, 1).

Por isso, na tentativa de prosseguir este processo de resgate e atualização da mortificação cristã, iniciado por Madre Maria Teresa, esta tese propõe uma nova reflexão teológica, alicerçada numa antropologia de integração, que contempla o ser humano integralmente, em todas as suas dimensões, evitando, assim, o erro do passado, quando a mortificação foi reduzida às penitências corporais. A partir da antropologia de integração, mortificação se torna ‘disciplina da pessoa’, para vencer o homem velho, o Adão pecador. Ainda neste processo de atualização está considerado também o consumismo, ideologia onipresente no contexto sócio-cultural e religioso em que vivemos, e que se constitui no grande desafio hodierno a uma vida disciplinada.

Para a realização desta pesquisa, utilizamos quatro tipos de fontes bibliográficas: todos os manuscritos espirituais de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico, arquivados na sede do ‘Instituto das Pequenas Missionárias de Maria Imaculada’; três antigos manuais de ascética e mística: ‘Compêndio de teologia ascética e mística’, ‘As três idades da vida interior’ e ‘Teologia da perfeição cristã’; documentos do magistério eclesiástico; e obras teológicas de autores contemporâneos que aprofundam a temática em questão.

Como esta tese trata-se de uma pesquisa teórica de natureza teológico-pastoral, empregamos o método analítico sistemático na leitura e análise de textos

e o método dedutivo na procura das conseqüências a que visa a proposta aqui expressa. A partir de uma acurada e crítica resenha histórica são levantadas as principais objeções hodiernas à teologia e práxis da mortificação. Estas objeções são confrontadas com a vida e os manuscritos espirituais de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico. O resultado deste confronto, acrescido pelos desafios e pelos conceitos teológicos contemporâneos, oferece os elementos necessários para a sistematização de uma nova e atualizada teologia e práxis da mortificação cristã.

Em sua estrutura, a tese se divide em três partes. A primeira parte – com o título “Mortificação, origem, história e descrédito” – apresenta a origem e os abusos que marcaram tanto a concepção como a prática da mortificação ao longo da espiritualidade cristã. Esta primeira parte está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo será abordada a origem e a história do termo. Desde a origem da ascese na filosofia antiga greco-romana até a classificação da mortificação como ascese ativa. No segundo capítulo será estudada a teologia da mortificação subjacente aos tradicionais e clássicos manuais de ascética e mística: “Compêndio de teologia ascética e mística”, de Adolphe Tanquerey; “As três idades da vida espiritual”, de Reginald Garrigou-Lagrange; e “Teologia da perfeição cristã”, de Antônio Royo Marin. A abordagem abrangerá a mortificação segundo sua natureza, necessidade e prática. No terceiro capítulo serão analisadas as conseqüências para a espiritualidade do dualismo antropológico e do pessimismo soteriológico ensinado e praticado por várias gerações cristãs. Encerrando esta primeira parte será realizada, à guisa de conclusão parcial, uma avaliação crítica dos desvios e abusos que marcaram a prática da mortificação cristã até a atualidade. Será então que a teologia e práxis da mortificação foi um grande equívoco para a Igreja? A resposta a esta indagação será o ponto de partida da segunda parte desta tese doutoral.

A segunda parte – com o título “Madre Maria Teresa, um testemunho equilibrado de mortificação” – aborda a vida e obra de Madre Maria Teresa de Jesus Eucarístico. Que comprova que a mortificação não é um equívoco, mas prática necessária ao desenvolvimento da vida cristã. Esta segunda parte está organizada em dois capítulos. No quarto capítulo é exposta uma minuciosa biografia de Madre Maria Teresa, que contempla o contexto histórico e religioso de sua época, além da forte influência da teologia da infância espiritual de santa Teresa de Lisieux em sua vida. No quinto capítulo é utilizado o método analítico

sistemático na leitura e análise dos manuscritos espirituais de Madre Maria Teresa. É analisada a antropologia e a soteriologia implícita nos seus escritos, que a levou a realizar a evolução da disciplina exterior à disciplina interior. Como conclusão desta segunda parte é ressaltada a contribuição de Madre Maria Teresa para o avanço tanto da conceitualização como dos modos de praticar a mortificação. Esse processo continua. Hoje é preciso evoluir para uma compreensão integral de ser humano, evoluindo da disciplina da vontade para a disciplina da pessoa. Isso implicará em novas formas de mortificação. É a tarefa da terceira parte desta tese doutoral.

A terceira e última parte – com o título “Proposta de uma nova teologia e práxis da mortificação” – busca a sistematização de uma nova teologia e práxis da mortificação cristã, compatível com a realidade contemporânea e fiel à proposta neotestamentária. É a tentativa de resgatar o autêntico sentido do termo mortificação e de seu dinamismo salvífico. Esta terceira parte está organizada em três capítulos. No sexto capítulo são analisados alguns aspectos da realidade contemporânea à luz da mortificação. Hoje vivemos na chamada ‘sociedade do excesso’, que através da publicidade transforma tudo em objeto de consumo imediato, desde a estética corporal até a religião. É o consumismo desenfreado e predatório que agride não só o ser humano, mas todo o ecossistema. É a sociedade do consumismo e do repúdio à disciplina. No sétimo capítulo é abordada a necessidade de uma nova teologia da mortificação, que enfrente os desafios da sociedade consumista. Um novo discurso teológico embasado numa moderna antropologia de integração, bem como numa soteriologia otimista, que supere, assim, os erros e abusos do passado. Uma teologia que resgate, enfim, a disciplina pessoal como caminho para a maturidade integral, como meio indispensável para vencer os apelos sedutores da publicidade mercantil. No oitavo e último capítulo, ainda dentro do contexto de elaboração de uma nova teologia da mortificação, é incluída uma reflexão sistemática sobre o batismo como fonte da mortificação. Sem disciplina pessoal não é possível viver com coerência o batismo. Do indicativo cristão (batismo) brota o imperativo cristão (mortificação). No esforço cotidiano para conservar e desenvolver a graça batismal fundamenta-se a legitimidade antropológica da mortificação. É dinamismo de fidelidade crescente à graça. Pelo batismo, o cristão faz de sua existência comunhão de vida com Cristo crucificado e ressuscitado. É capacitado pela graça a transformar toda

situação de morte em situação de ressurreição. Capaz de passar da dilaceração do pecado para a comunhão com Deus, com o próximo, com a natureza e consigo mesmo. Deste modo, a vida cristã pressupõe, a cada instante, uma ‘Páscoa parcial’, uma passagem de nosso ser de uma situação de morte parcial para uma situação de vida crescente; até a última passagem, a ‘Páscoa derradeira’, quando acontecerá a passagem definitiva: da morte pessoal para a ressurreição plena. A mortificação é, portanto, o processo ativo de viver a existência batismal. Processo que pressupõe luta diária contra o homem velho, o Adão pecador. Ainda no oitavo capítulo, será analisada a eficácia pastoral produzida pela mortificação e sua importância para a nova evangelização.

Portanto, contribuirá esta pesquisa para o resgate do valor positivo da mortificação, como imperativo antropológico para a vida cristã.